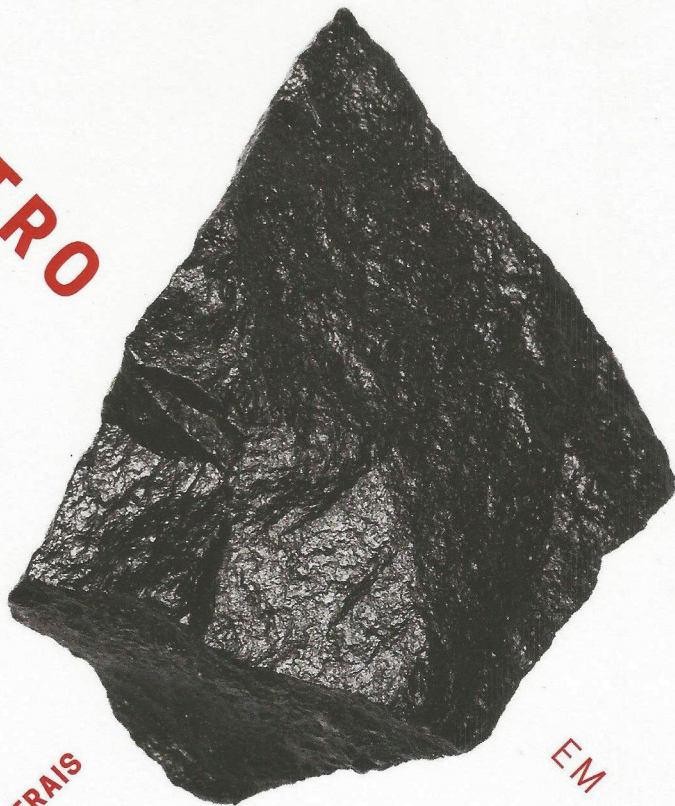


**LASTRO**



**PERCURSOS ANCESTRAIS  
E COTIDIANOS**

**EM CAMPO**



## PERCURSOS ANCESTRAIS E COTIDIANOS

*¿Adónde en verdad iremos  
que nunca tengamos que morir?*

Cuacuauhtzin de Tepechpan  
Poeta asteca, meados do século XV<sup>1</sup>

O mundo mítico dos antigos povos da América foi de grande interesse para os hispânicos ao longo de todo o processo colonizador. Pelo viés artístico, esse fascínio correspondia ao estilo de escrita, visto que as correntes literárias que marcaram profundamente os séculos XVI e XVII tomavam como base narrações fantásticas e de aventuras. De Camões, Cervantes e Montaigne ao francês Jacques Bossuet, cuja oratória sacra fazia a defesa da origem divina dos reis. Contudo, a dedicação empregada ao estudo ferrenho das antigas tradições e seus deuses foi ferramenta para a Igreja Católica no trabalho de conversão. Era fundamental dispor de certas bases mitológicas pagãs para poder realizar efetivamente a missão catequizadora. Além disso, lendas e mitos também foram apropriados politicamente, nas ocasiões em que era favorável demonstrar suposta injustiça por parte das dinastias indígenas em contraponto às bases de tradição histórica europeia.

Durante o primeiro século depois da conquista do México e do Peru, indígenas e mestiços começaram a registrar as tradições de seus antepassados – até então comunicadas por hieróglifos e códices – por meio da escritura apreendida dos hispanos, em seu idioma de origem. Geralmente em língua asteca e nos idiomas dos Maias de Guatemala e Yucatán, esses textos compõem preciosos relatos e fontes incontestáveis sobre modo de vida e visões de mundo, como o *Popol Vuh* e *Historia de los Reynos de Colhuacan y de México*, ambas anônimas. De valor similar, há o conjunto de obras do frei espanhol Bernardino de Sahagún – nesse caso, de acordo com os parâmetros da etnologia moderna, não é o autor quem relata, mas sim o informante indígena em seu próprio idioma e na sua lógica de construção gramatical. Sahagún logrou reunir para essa incumbência o núcleo central da cultura asteca – em sua maioria, antigos sacerdotes e sábios pertencentes às suas elites intelectuais.

Infelizmente, essa metodologia de escuta e escrita adotada por Sahagún não foi seguida por seus descendentes. Muito do que conhecemos sobre a história dos povos originários da América foi escrito por não nativos. Narrada por missionários espanhóis e portugueses em viagens religiosas, cientistas e antropólogos em rotas expedicionárias, a sabedoria

1 “Onde, na verdade, iremos que nunca tenhamos que morrer?”. León-Portilla, Miguel. *Trece poetas del mundo azteca*. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, 1984.

indígena foi (e continua sendo) roubada, queimada e expropriada. No Brasil, a aculturação se dá na forma de genocídio permanente, que nunca se tornou pauta para políticas de governo. Invisibilizados em sua terra de origem, os indígenas brasileiros “(...) descobriram [na década de 1970 e 1980] que, apesar de eles serem simbolicamente os donos do Brasil, eles não têm lugar nenhum para viver nesse país. Terão que fazer esse lugar existir dia a dia e fazer isso expressando sua visão do mundo, sua potência como seres humanos, sua pluralidade, sua vontade de ser e viver.”<sup>2</sup>

Neste sentido, a pergunta que nos é posta, a nós artistas e pesquisadores residentes, é crucial: como escrever sobre história e culturas originárias sendo um estrangeiro? Escrever, aqui, encarado como trabalho artístico e conceitual. A todo momento corremos o risco do fetiche, do romantismo, da apropriação. É inevitável. Ao lado de cientistas e exploradores, os artistas sempre apareceram como protagonistas interculturais. Dos pintores viajantes aos agentes urbanos da gentrificação contemporânea, é preciso atenção e responsabilidade ao fazer o discurso defensor da conexão entre povos, entre culturas, entre classes. Ao se perceber em viagem, o *turista aprendiz* (à lógica de Mário de Andrade) deve ser um interlocutor. Deve fazer da alteridade sua escuta e observação, e do vínculo involuntário seu molde para desdobramentos de criação.

O traçado mental em um mapa, momentos antes de viajar, é decisivo para alterar o estado emocional do viajante. Imaginar o livre cruzamento de fronteiras na idealização de mundo sem cartografia faz a importância do projeto. O desenho inicial era atravessar a América Central e chegar ao México para a celebração de dez anos da pequena história do *Lastro – Intercâmbios Livres em Arte*. A esse sonho solitário juntaram-se quinze profissionais da arte com o intuito comum da vivência. Artistas e pesquisadores munidos do desejo do estudo *in loco* de assuntos nunca antes cogitados ou já um tanto obsessivos, porém longínquos, no campo de interesse de cada tripulante. O convite não esperava por resultados tangíveis, o corpo em deslocamento era a única prerrogativa de percurso.

As previsões sobre o que viria a ser o cotidiano desses países em nada se aproximou da realidade. O início de nossa residência de pesquisa artística se deu pelo Panamá, ao lado de Pedro Víctor Brandão. Lugar de acúmulo de fortunas e transações econômicas em esferas planetárias, de onde se falou da ficcionalização dos mecanismos de negociações. O projeto seguiu rumo à Guatemala, para o encontro de Edgar Calel com

2 Krenak, Ailton. *Encontros*. Sergio Cohn [org]. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.



Daniel Albuquerque, Danilo Volpato, Lucas Parente, Luísa Nóbrega, Maíra das Neves, Mariana Guimarães e Maria Catarina Duncan. Guatemala é a terra sagrada maia, lugar de rito e prece aos ancestrais, onde a humanidade surge do milho. População majoritariamente indígena, paisagem rural. Recebemos as saudações de bom caminho das tradições mitológicas locais. No México, Lucas, Luísa e Danilo somaram-se a Jonas Aisengart, Leonardo Araujo, Maya Dikstein, Olivia Ardui, Thais Medeiros e Van Holanda. Entre Oaxaca e Cidade do México. Entre a violenta culinária e a noite imortal da maior cidade do mundo. Na parada final do traçado imaginário, fomos arrebatados pelo legado das múltiplas civilizações mexicas<sup>3</sup> atravessadas pelas insurgências urbanas.

Passado um ano, a segunda travessia nos interpela novamente ao encontro. Agora são as memórias da experiência vivida, agrupadas em trabalhos e maturadas em exposição. **Lastro em Campo - percursos ancestrais e cotidianos** conta com obras que versam sobre temas entre a história ancestral e o cotidiano das cidades, e o objetivo é levar ao público a dimensão do ambiente de estudo e convivência diária como importante propulsor de diálogos entre os projetos de pesquisas.

A exposição agrega instalações, performances, vídeos e objetos; um núcleo de pesquisa que reunirá o arquivo documental com processos e anotações em viagem; uma biblioteca com títulos acerca dos projetos de residência e uma programação paralela com falas e cursos que perpassará a mostra ao longo de todo seu ciclo.

Os percursos entre passado e presente coexistem, se entrelaçam a todo instante. A realidade entendida como camadas de tempo encadeadas no espaço traz a concepção de existência como um aprendizado maia. A ancestralidade é cotidiana, deve ser nutrida na vida diária. Para além dos equívocos da história, o agora ainda é o engano urgente. Ressignificar o estatuto da objetivação cultural e do privilégio pode ser a saída para uma nova escrita.

**Beatriz Lemos**  
Curadora

<sup>3</sup> Mexicas é o termo usado para denominar todos os povos originários de onde hoje é o território do México.





**SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
**Administração Regional no Estado de**  
**São Paulo**

**Presidente do Conselho Regional**

Abram Szajman

**Diretor do Departamento Regional**

Danilo Santos de Miranda

**Superintendentes**

**Técnico Social** Joel Naimayer Padula

**Comunicação Social** Ivan Giannini

**Administração** Luiz Deoclécio Massaro Galina

**Assessoria Técnica e de Planejamento** Sérgio  
José Battistelli

**Gerentes**

**Artes Visuais e Tecnologia** Juliana Braga

de Mattos **Adjunta** Nilva Luz **Assistentes**

Juliana Okuda e Sandra Leibovici **Estudos e**

**Desenvolvimento** Marta Colabone **Adjunto** Iã

Paulo Ribeiro **Artes Gráficas** Hélcio Magalhães

**Adjunta** Karina Musumeci **Sesc Consolação**

Felipe Mancebo **Adjunta** Simone Avancini

**Sesc Consolação**

**Programação** Tiago de Souza [coordenação],

Sabrina Popp Marin e Tatiana Zacariotti

**Comunicação** Elaine de Sousa **Administrativo**

Marco Antonio da Silva **Alimentação** Edna

Ribeiro da Silva Fachetti **Manutenção e**

**Serviços** Antonio Zacarias de Carvalho

# LASTRO EM CAMPO

PERCURSOS  
**ANCESTRAIS E**  
**COTIDIANOS**

**Curadoria e concepção** Beatriz Lemos

**Artistas** Daniel Albuquerque, Danilo Volpato,

Edgar Calel, Jonas Aisengart, Lucas Parente,

Luísa Nóbrega, Maíra das Neves, Mariana

Guimarães, Maya Dikstein, Pedro Victor

Brandão, Thais Medeiros e Van Holanda

**Pesquisadores viajantes** Leonardo Araujo,

Maria Catarina Duncan e Olívia Ardui

**Projeto expográfico** Frederico Teixeira e

Penelope Casal de Rey

**Projeto gráfico** Casa 202 - Fernanda Porto e

Filipe Acácio

**Concepção educativa** Marcela Tiboni

**Produção** Melanina Cultural - Melanie Graille

**Produção executiva** Luísa Estanislau

**Agradecimentos** Lanchonete.org, Marina Lima

Medeiros, Sabina Matz.

**PROJETO LASTRO**

lastroarte.com





# LASTRO EM CAMPO

PERCURSOS  
**ANCESTRAIS E  
COTIDIANOS**




**Visitação** 11 de maio a 30 de julho / 2016  
Segunda a sexta, 11h30 às 21h30  
Sábados e feriados, 10h às 18h30

## **Agendamentos**

[email@consolacao.sescsp.org.br](mailto:email@consolacao.sescsp.org.br)

### **Sesc Consolação**

Rua Dr. Vila Nova, 245  
01222-020 São Paulo - SP  
TEL.: 11 3234 3000

   /sescconsolacao

[sescsp.org.br/consolacao](http://sescsp.org.br/consolacao)

**Idealização**



**Realização**

